



PAI AUSENTE EM ARTIGO DE OPINIÃO: UMA ANÁLISE DA DISCURSIVIDADE PRESENTE NO PROBLEMA SOCIAL DA PATERNIDADE CONTEMPORÂNEA

DOI: 10.48075/ri.v27i1.32584

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO: Este artigo possui o objetivo de analisar a discursividade presente no contemporâneo problema social da ausência paterna, com base em seu funcionamento, que se expressa em dizeres, circulantes tanto nas conversas diárias quanto na mídia. Para o alcance deste intento, toma-se como objeto representacional de tal dinâmica o texto “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), publicado, no primeiro dia de dezembro de 2023, na página digital do Jornal do Tocantins. Com vistas ao exame desse material, emprega-se o consagrado método qualitativo-interpretativo da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais. Em função da propositura deste estudo e mirando a organização arquitetônica de seu interior, este texto possui as seguintes seções: Considerações teórico-metodológicas, nas quais são explicitadas as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme. Análise: pai ausente em artigo de opinião, na qual se verticaliza a leitura do objeto eleito para esta investigação, a partir da mobilização dos instrumentos interpretativos anteriormente mencionados. Como um dos resultados desta investigação, encontra-se a ancoragem de formações discursivas regidas por uma determinada episteme capaz de mobilizar sentidos limitados pelas próprias formas de saber-poder, como verificou-se neste artigo.

Palavras-chave: Ausência paterna; Análise do Discurso; Enunciado; Formação discursiva; Episteme.

ABSENT FATHER IN AN OPINION ARTICLE: AN ANALYSIS OF THE DISCURSIVENESS PRESENT IN THE SOCIAL PROBLEM OF CONTEMPORARY PATERNITY

ABSTRACT: The aim of this article is to analyse the discursiveness present in the contemporary social problem of paternal absence, which is expressed in statements circulating both in everyday conversations and in the media about how it works. To achieve this, the text “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), published on the first day of December 2023 on the digital page of the Jornal do Tocantins, is taken as the representational object of this dynamic. In order to examine this material, the renowned qualitative-interpretative method of Discourse Analysis was used, using some of its operational concepts. In line with the purpose of this study and looking at

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

the architectural organisation of its interior, the following sections follow: Considerações teórico-metodológicas in which the notions of device, enunciated, discursive formation and episteme are explained. Análise: pai ausente em artigo de opinião in which the reading of the object of this article is verticalised by mobilising the interpretative tools mentioned above. One of the results of this investigation is the anchoring of discursive formations governed by a particular episteme capable of mobilising meanings limited by the forms of knowledge-power themselves, as was seen in this article.

Keywords: Paternal absence; Discourse Analysis ; Enunciated; Discursive formation; Episteme.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É imperioso afirmar a importância da figura paterna na configuração de um ser humano. Não basta dizer o que se traduz como um truísmo, é preciso referenciar, com pesquisas qualitativas e quantitativas cujo valor heurístico cancelam o tópico frasal desta introdução. Nesse direcionamento, Benczik (2011), Silva e Stamato (2016), Trapp e Andrade (2017), entre outros tantos, aprofundam detalhadamente as consequências deletérias da ausência paterna (ou de uma efígie capaz de desempenhar tal papel). A relevância do pai atravessa os âmbitos psicológico, educacional, cultural, constituindo-se em um marco sócio-histórico de construção de características positivadas ou negativadas no circuito coletivo. Benczik (2011) aprofunda: “O pai exercia o poder na casa, com força para manter o círculo vicioso em que a família estava secularmente encerrada” (Benczik, 2011, p. 68). A pesquisadora continua: “Sua autoridade valia tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependia economicamente e a quem se submetia de acordo com as regras estabelecidas” (Benczik, 2011, p. 68).

No desenrolar das tramas do tempo, percebe-se que a função do pai, tal como descrita acima pela pesquisadora, passa por modificações, assim, conforme Benczik (2011), “As transformações históricas e sociais, envolvendo as configurações familiares, principalmente com relação ao papel do pai, estão ocorrendo, desde o século passado, e não chegaram ao seu final” (Benczik, 2011, p. 72). As alterações de paradigmas são as principais responsáveis por equalizar os termos da configuração de papéis no interior do circuito coletivo. Quando o homem, pai de família e chefe da casa, possuía certas prerrogativas, econômicas, culturais e subjetivas, sua centralidade no desenvolvimento social trazia-lhe uma relevância já não existente mais, o pai também era uma figura mais imponente, porquanto essa estava investida

do próprio centro do poder familiar. Em oposição a esse passado recente, o homem atualmente ocupa um espaço social equivalente ao da mulher, em conformidade às renovações de concepção de papéis. Em outros termos, a maior equivalência entre os sujeitos é uma característica significativa da contemporaneidade. A esse respeito, Costa (2005) diz: “A ideia da igualdade não é uma ideia facilmente aceitável na cultura humana desde as mais antigas civilizações o homem buscou suas diferenças de origem de nacionalidade de classe social” (Costa, 2005, p. 176).

Muitas coisas podem ser ditas sobre a ideia de igualdade, como, por exemplo, o pai e a mãe, em tese, têm os mesmos direitos para com os filhos, entretanto, parece haver uma prerrogativa da mãe em cuidar – ainda que isso possa ser questionado, a mulher, geralmente, tem a guarda dos filhos, quando esses ainda não atingiram a maioridade –, pois ela desempenha a principal fonte de alimento de seu bebê nos primeiros meses de vida. Ora, parece que a ideia de igualdade vigora em seu plano etéreo, como sempre, pois, como se verifica em diversos meios de divulgação de dados colhidos em censos brasileiros, cada vez mais cresce o número de crianças registradas sem o pai em seu registro de nascimento (Lucca, 2022). Portanto, há um problema, de amplitude coletiva, cujo entrelaçamento a outras questões perpassa o tecido social de tal forma que afeta a complexidade da falta da figura paterna, isto é, não se pode enunciar o problema da paternidade contemporânea, ou a falta dela, sem examiná-la em suas redes de poder.

Nesse horizonte delineado, este artigo possui o objetivo de analisar a discursividade presente no contemporâneo problema social da ausência paterna, com base em seu funcionamento, que se expressa em dizeres, circulantes tanto nas conversas diárias quanto em variados dispositivos de comunicação. Para o alcance desse intento, toma-se como objeto representacional de tal dinâmica o texto “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), publicado, no primeiro dia de dezembro de 2023, na página digital do Jornal do Tocantins. Com vistas o exame desse material, emprega-se o consagrado método qualitativo-interpretativo da Análise do Discurso, por meio de alguns de seus conceitos operacionais. Em função da propositura deste estudo e mirando a organização arquitetônica de seu interior, adiante, têm-se as seguintes seções: Considerações teórico-metodológicas, nas quais são explicitadas as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme. Análise: pai ausente em artigo de opinião, na qual se verticaliza a leitura do objeto

deste artigo, a partir da mobilização dos instrumentos interpretativos anteriormente mencionados. Por fim, nas Considerações finais, pesam-se as possíveis contribuições desta investigação para a compreensão do fenômeno da paternidade, ou ausência dela, para o Brasil contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para iniciar esta seção sobre o instrumental analítico utilizado para descrever e interpretar o artigo de opinião “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), importa destacar a concepção de discurso aqui adotada. O discurso, segundo uma perspectiva pluralmente organizativa, é, antes de tudo, uma prática fundada no sentido em que lhe é orientada uma direção em conformidade ou em desconformidade com práticas paradigmáticas em um dado período. Em vista dessa configuração, de acordo com Foucault (2012), o discurso é “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva” (Foucault, 2012, p. 131). Tal definição, além de apontar para outro conceito fundamental para este exame discursivo, não delinea, nem circunscreve os limites do enunciado, pois, para Foucault (2012), esse só pode ser percebido, em suas fendas de sentido, segundo determinado regime de saber e suas práticas.

O regime de saber e suas práticas, do ponto de vista de uma noção aplicável, tal como posta em marcha neste artigo, pode ser aproximado, guardadas as devidas diferenças, do conceito de dispositivo em Foucault, já que “Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (Foucault, 2000, p. 244). Portanto, o dispositivo, consoante ao projeto interpretativo, advindo da obra foucaultiana, diz respeito às “práticas elas mesmas, atuando como um aparelho, uma ferramenta, constituindo sujeitos e os organizando” (Dreyfus; Rabinow, 1995, p. 135), de forma relativamente próxima ao regime de saber e sua prática, como aqui adotado. Nesse direcionamento, pode-se compreender que o dispositivo insere-se no interior do regime de saber como uma prática vinculada às demais por meio do enunciado que, por sua vez, recobre, a depender de sua disposição interna e externa, a formação discursiva. Foucault (2012) acerca desse prisma, afirma que “No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, (...) diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (...)” (Foucault, 2012, p. 43; grifos do autor).

Interessa, para este artigo, o delineamento verticalizado do dispositivo, porquanto nele operam-se as alterações de sentidos, além dos processos de criação e intercambiamento, veiculados no circuito coletivo. Deleuze (1999), sobre esse operador funcional do discurso, afiança: “todo dispositivo se define por sua condição de novidade e criatividade” (Deleuze, 1999, p. 159) que possui, como ele mesmo afirma, “processos singulares de unificação, de totalização, de verificação, de objetivação, de subjetivação” (Deleuze, 1999, p. 158). Assim, por meio dessa caracterização, é percebida a relevância do dispositivo, pois, se fosse possível uma definição taxativa para seu desempenho, no interior do espaço social, dir-se-ia que se trata do próprio discurso, contudo, esse é disperso etéreo, ao passo que aquele é a concretização social, ligada a uma determinada função exercida, do discurso. A aplicabilidade do dispositivo permite, como se pode entrever, distinguir e esquadrihar os mecanismos de produção discursiva para relacioná-los às dinâmicas de relações de poder, distribuído assimetricamente no circuito coletivo.

Ao abordar o dispositivo é indispensável que se trate, ainda que não de maneira aprofundada, do enunciado – esse, neste artigo, é tomado como o próprio objeto de análise, “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023) –, como um integrante daquele. Em vista dessa demanda conectiva, Kremer-Marietti (1977) postula a seguinte concepção, embasada no método arqueológico, “A função do enunciado – já que ele é essencialmente função – não é fazer aparecer um referente nem um sentido” (Kremer-Marietti, 1977, p. 121). Ela continua: “o enunciado é mais que um conjunto de signos reunido há um suporte material; eles supõem definições, regras, convenções de escrita” (Kremer-Marietti, 1977, p. 122). Por sua vez, Deleuze (2017) anuncia acerca do enunciado: “este tem um objeto discursivo que não consiste, de modo algum, num estado de coisas visado, antes deriva, pelo contrário, do próprio enunciado” (Deleuze, 2017, p. 19-20). Nesse direcionamento elucidativo, Deleuze assevera: “O enunciado é em si mesmo repetição, embora aquilo que repita seja outra coisa, que, porém, lhe pode ser estranhamente semelhante quase idêntica” (Deleuze, 2017, p. 25).

Conforme as explicações acima, que sinteticamente remontam à feita por Foucault (2012), pode-se dizer que o enunciado, segundo seu funcionamento característico, ancora-se no dispositivo, por meio do qual ganha permeabilidade e espraiamento no interior do circuito social. Nessa perspectiva demonstrativa, segundo Kremer-Marietti, (1977) “O enunciado

pertence, pois, a uma formação discursiva, análise do primeiro e a análise da segunda estão, portanto, em correlação uma com a outra, pois o discurso não é mais que um conjunto de enunciados (...)” (Kremer-Marietti, 1977, p. 124). Como a formação discursiva possui, em seu funcionamento interno, seu próprio regimento, permitindo determinada disposição de sentidos, ao descrevê-la e interpretá-la, tem-se a abertura para a compreensão de certas continuidades e descontinuidades das “técnicas” de controle (dos dizeres, dos sentidos, dos comportamentos...), cuja inserção nos quadros disciplinares de um circuito coletivo retoma seus princípios epistêmicos.

Foucault (2009) afirma, acerca dessa conjuntura na qual o discurso possui densidade qualitativa como meio de sobreposição prospectiva do ambiente sociocultural, “A formação regular do discurso pode integrar, sob certas condições e até certo ponto, os procedimentos de controle (é o que se passa, por exemplo, quando uma disciplina toma forma e estatuto de discurso científico)” (Foucault, 2009, p. 66; parênteses do autor). Por essa razão, o exame da formação discursiva, segundo a ótica de seus mecanismos de constrição, permite trazer à luz as próprias dinâmicas de poder refletidas em seu interior. Por meio de tal procedimento, práticas discursivas são conhecidas consoantes à episteme segundo a qual são geridas. Sobre a episteme, Foucault diz: “Numa cultura e num dado momento, nunca há mais que uma episteme, que define as condições de possibilidade de todo saber. Tanto aquele que se manifesta numa teoria quanto aquele que é silenciosamente investido numa prática” (Foucault, 2007, p. 230). Em outros termos, pode-se afirmar que a episteme liga-se ao saber, plasmado, mediante o emprego de práticas de poder, na constituição dos enunciados presentes na formação discursiva.

Com o objetivo de explicitar a relação entre a episteme e a formação discursiva, na qual os enunciados funcionam, traz-se para este recenseamento teórico-metodológico as concepções de língua que, ilustrativamente, referem-se a três epistemes relativamente distintas. Uma primeira é a de espelhamento do mundo, na qual, segundo Soares (2023), “A língua, no interior dessa concepção, serve para representar o mundo, o pensamento e o conhecimento” (Soares, 2023, p. 176). A partir dessa episteme emergem formações discursivas cuja retratação dos objetos e sujeitos reflete seu núcleo, a língua como reprodução fidedigna do mundo. Outra episteme reguladora de sentidos acerca da língua, conforme explica Soares (2023), “é a de instrumento de comunicação. A língua, então, é percebida como um código com o qual um emissor comunica a um receptor mensagens” (Soares, 2023, p. 176).

Essa episteme, ainda em vigor, fundamenta a conexão entre os elementos da comunicação e, conseqüentemente, desses com a criação dos sentidos, de modo que as formações discursivas ancoradas em sua – eis a necessidade de uso de uma expressão foucaultiana precisa para esta explicação – “vontade de verdade” expressam, em maior ou menor medida, tal episteme.

Para concluir a exemplificação da episteme, toma-se a última visão de língua que trata de outro funcionamento de saber. De acordo com Soares (2023), “A terceira visão de língua é a de lugar de ação ou interação. Nela, tem-se uma ação interindividual finalisticamente orientada e a prática dos mais diversos atos (de linguagem)” (Soares, 2023, p. 176). Tal episteme configura a possibilidade de existência de teorias do discurso (Soares, 2023), em cuja prática social descrevem e interpretam, segundo instrumentais analíticos específicos, as relações de poder no circuito coletivo. Diante dessas três epistemes, que formatam saberes sobre a língua, com base em sua utilização, percebe-se que uma episteme abarca uma série de dispositivos, nos quais dispersam formações discursivas e seus enunciados. Assim, as relações de saber-poder são mantidas pelo funcionamento dos discursos. Feitas tais decupagens ilustrativas das noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme, que aqui compõem parte do processo arqueogenealógico de interpretação do fenômeno sob análise, passa-se, na seção seguinte, ao exame da discursividade presente no problema social da paternidade contemporânea que se expressa no texto “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023).

ANÁLISE: PAI AUSENTE EM ARTIGO DE OPINIÃO

Eis o lugar no qual os conceitos, acima expostos, são operacionalizados para o desenvolvimento de uma leitura verticalizada do objeto, eleito para uma melhor compreensão acerca da discursividade do fenômeno social da paternidade contemporânea que se expressa em dizeres, circulantes tanto nas interações cotidianas quanto em produções midiáticas, como no caso do alvo interpretativo deste artigo. No direcionamento voltado ao encontro do objetivo traçado, para que não haja qualquer percepção distorcida sobre o expediente investigativo segundo o qual lança-se mão para analisar o texto, “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), publicado, no primeiro dia de dezembro de 2023, na página digital do Jornal do Tocantins, faz-se a sua exposição integral mais abaixo.

Tal procedimento visa tanto proporcionar a plena leitura do manuscrito em questão quanto facilitar suas necessárias retomadas, quando da verificação de seus mecanismos de produção de sentido.

Entretanto, antes de adentrar-se a materialidade do artigo de opinião, faz parte do escrutínio a verificação do dispositivo no interior do qual se engendra discursos a partir dos quais se ganha a permeabilidade do tecido social, ou seja, para o objeto sob análise, o veículo de sua produção e disseminação integra seu dispositivo, como uma rede de dizeres (Foucault, 2000). O *Jornal do Tocantins*, desse mirante interpretativo, é um difusor de discursos, já que seu projeto comunicacional carrega em seu bojo a demanda de informar a população local. Sobre o contexto histórico do periódico, há poucos dados disponibilizada na internet, salvo uma página do Wikipédia (2023) dizendo que ele foi criado em 18 de maio de 1979 pelo político e empresário Jaime Câmara e descontinuado, em sua versão impressa, em 30 de dezembro de 2018. No próprio domínio virtual do jornal, não é possível encontrar algo que trate especificamente de sua conjuntura de emergência, de modo que se pode ler tal apagamento (Orlandi, 2007) como um sentido entrelaçado nas demais redes de saber do periódico.

Desde o nascimento do veículo de comunicação em questão, que se dá antes mesmo da criação do Estado do Tocantins (1988), suas redes de dizer permeiam o campo político dessa região do Norte, porquanto seu nome já indicializa sua pretensão a principal transmissor de informações do novo Estado da federação brasileira. Aí localiza-se parte do complexo discurso fundador que, segundo Soares e Boucher (2023), “(...) exerce poder ao modular como as produções discursivas são expressas, tornando-se um ponto de referência central para a construção de certos sentidos” (Soares; Boucher, 2023, p. p. 60). Ora, conforme explicam os autores, “O discurso fundador não está necessariamente vinculado a uma personalidade, antes, pode conectar-se a enunciados linguisticamente estabilizados pelo uso frequente” (Soares; Boucher, 2023, p. p. 60). Nesse horizonte de sentidos fundadores, o próprio título do jornal já carrega uma relação de saber-poder acerca da emergência do Tocantins, de modo que o recorte de fronteiras feito pela delimitação geográfica do mais recente Estado também ganhe seu equivalente em sua suposta mídia representante.

O *Jornal do Tocantins*, como um dispositivo articulado por múltiplos enunciados, possui, nas suas produções, uma relação histórica de continuidades e discontinuidades que traduz um conjunto de saberes diluídos em práticas de poder, caso esse percebido nas suas

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 27, nº1, 2025. e-ISSN: 1982-3010.](#)

seções, que organizam e segmentam os assuntos tratados pelo periódico. Política, Economia, Mundo, Vida Urbana, Esporte, Magazine, Esporte, Opinião, Infomercial e Vídeos são títulos das entradas do periódico digital. Cada uma dessas opera como núcleo discursivo segundo o qual os enunciados, que o integram, funcionam, recortando o espaço social conforme relações de poder-saber assimétricas, como vetores informacionais. Por meio desse breve recenseamento de alguns elementos contidos na página virtual do Jornal do Tocantins, chancela-se o que Veyne (2011) assevera sobre o dispositivo, pois esse “mistura, portanto, vivamente, coisas e ideias (entre as quais a de verdade), representações, doutrinas, e até mesmo filosofias, com instituições práticas sociais, econômicas etc.” (Veyne, 2011, p. 57).

Como o dispositivo do veículo em questão possui tamanha densidade e amplitude discursiva, faz-se metodologicamente o afinamento de seu projeto de composição de enunciados, mediante o recorte da seção na qual se encontra o texto “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023). Na compartimentalização intitulada opinião, colaboradores convidados e integrantes da redação do Jornal do Tocantins abordam temas diversos em suas produções, entretanto, esses enunciados não se defrontam com os princípios norteadores do dispositivo no qual se encontram, do contrário, como comumente ocorre, não ganhariam espaço, nem continuidade. Desse mirante segundo o qual o dispositivo gerencia seus mecanismos de difusão de enunciados (Foucault, 2000), a seção Opinião, por seu caráter aparentemente subjetivo, recebe o investimento do conjunto de ideais circulantes no senso comum. Por haver maior adesão dessas à episteme da contemporaneidade, os enunciados aí produzidos configuram, em boa medida, representações significativas das relações de poder no circuito coletivo.

No tocante à autora do texto sob análise, é percebida aqui a partir da ótica do papel segundo o qual exerce o procedimento formal de organização e disposição do discurso no enunciado, uma vez que, para Foucault (2018), “A função autor é, assim, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade” (Foucault, 2018, p. 46). Em outras palavras, a autora do artigo de opinião, publicado no Jornal do Tocantins, corresponde a uma catalisadora de determinada episteme cuja diluição encontra-se nos discursos engendrados nas diversas formações discursivas, organizadas em enunciados, como em “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023). Todavia, importa destacar a descrição da autora, pois esse delineador

recursivo visa enfatizar as propriedades do enunciado em questão, gerando, com efeito, o argumento de autoridade (Ferreira, 2010). Assim, diz-se da autora precisamente o seguinte: “mãe, jornalista e conselheira municipal dos Direitos da Mulher de Palmas”.

As funções desempenhadas pela autora possuem correlação de saber-poder com os sentidos engendrados pelo enunciado, como se verifica abaixo.

Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?

Está encerrando mais um ano letivo, é chegado o período das formaturas das turmas, mais um evento social na vida escolar que constrange a criança com o pai que escolheu ser ausente. Um retrato 3x4 da sociedade brasileira.

Os cartórios de Registro Civil do Brasil mostram que nos últimos três anos, de 2020 a 2023, mais de 100 mil crianças foram registradas por ano sem o nome do pai. O abandono paterno é uma realidade de proporções assustadoras no país. A região Norte tem o mérito de ser a que registra o maior número de crianças sem o nome do pai na certidão de nascimento.

Para fecundar um óvulo são necessárias, segundo a Biologia, duas pessoas. A partir da fecundação nasce uma vida, obrigatoriamente surge uma mãe, mas não surge um pai. Onde estão esses pais?

Nada explica a ausência ou distanciamento, a pouca ou nenhuma afetividade para com uma vida que veio ao mundo através de você. Os custos financeiros com a pensão também não substituem a afetividade do pai na vida de uma criança.

A sociedade não espera - e nem cobra - do homem a responsabilidade, comprometimento ou amor como "pai", mas coloca nas costas da mulher o peso de cuidar do filho/filha sozinha. Não importa que fim levou o relacionamento entre duas pessoas, se tem uma criança na história, os dois são responsáveis pelo cuidado e por acompanhar o desenvolvimento dessa criança.

A criança de hoje, sem pai, é a criança que se forma cidadão e cidadã brasileira, mas com a responsabilidade única, da mãe (Martins, 2023).

A inscrição do artigo de opinião acima em um conjunto de saberes, cujo parâmetro reflete uma episteme contemporânea, vinculados a práticas de controle social, apresenta a tessitura de uma formação discursiva crítica aos lugares da mãe, da criança e do pai. Em vista desse funcionamento inicial, compreende-se a importância de tal enunciado e seu entrelaçamento a outros dessa natureza discursiva, porquanto, para além do tom de denúncia, o texto, no interior de sua conjuntura de emergência, final de ano e formatura escolar, considera algumas dimensões significativas da problemática à qual procura abordar. Com isso, o enunciado traz algumas das relações de saber e poder acerca do funcionamento social da figura paterna, como sua ausência, de maneira específica, em uma festividade, de maneira geral, como o sujeito responsável pelo abandono de suas responsabilidades.

O saber constituinte do enunciado, sob escrutínio, caracteriza o poder dos homens em deixar completa ou parcialmente seus filhos aos cuidados de suas ex-companheiras e, por tal usufruto, praticamente não sofrem sanções. O não-dito (Foucault, 2012) pertencente ao

enunciado desenha a provável performatividade dos pais, que abandonam seus filhos, para continuar outros projetos, inclusive, como o de formar outra família. Assim, a primeira leitura, direcionada principalmente pela superfície argumentativa do texto, imprime as críticas mais contundentes ao espelho do patriarcado existente no circuito coletivo. Em outras palavras, somente o homem pode deixar um filho para trás, ao passo que isso parece não ser facultado à mulher, de modo que a disposição das relações de poder favoreça indiscriminadamente o homem em detrimento da mulher. Portanto, o abandono paterno, segundo uma episteme na qual formações discursivas estão costuradas por enunciados eivados de tal saber-poder, organiza uma percepção contemporânea da função do papel do pai na sociedade.

Na atual dinâmica de poder existente entre mulher e homem, há maiores condições de a primeira assumir o protagonismo, sem deixar-se vitimar pelo segundo, sobretudo, no tocante ao relacionamento (afetivo) sexual, pois é ela quem detém o poder de escolher com que vai conectar-se. Na verdade, sobre o papel da mulher contemporânea, segundo Scott (2012), “se os modelos familiares são hoje mais diversificados, em termos de formas e composição que na primeira metade do século XX, as mulheres na família têm também reconhecidamente maior poder de decisão” (Scott, 2012, p. 38). Ora, nesse direcionamento atualizado, cabe apontar para um elemento não-dito, mas subjacente à constituição de sentidos do enunciado, publicado em dezembro de 2023 no dispositivo *Jornal do Tocantins*, a saber, o poder de escolha da mulher em relação ao parceiro, que se torna pai de seu filho. Esse saber, cujo impacto pode modelar criticamente o enunciado em questão, também é excluído da própria formação discursiva na qual se encorram os dizeres sobre a ausência paterna, porquanto trazer a responsabilidade feminina à seleção de seus parceiros sexuais, que culminam em pais de seus filhos, significa equalizar as relações de poder e saber.

Cabe, a título de maior compreensão de parte da episteme instaurada na contemporaneidade, lembrar o que disse Beauvoir (2008) acerca da mulher e seu entorno social: “La femme n’est victime d’aucune mystérieuse fatalité; les singularité qui la spécifient tirent leur importance de la signification qu’elles revêtent; elles pourront être surmontées dès qu’on les saisira dans des perspective nouvelles” (Beauvoir, 2008, p. 110). Nessa toada elucidativa, o enunciado sob análise parece inscrever-se em um conjunto de formações discursivas, configuradas em dispositivos variados, segundo as quais há uma “fatalidade misteriosa” que retoma uma episteme já não mais em vigor no atual circuito coletivo, pois o

compromisso dos órgãos fiscalizadores das relações sociais, em suas distintas dinâmicas de poder, visa garantir maior paridade entre homens e mulheres, além de minorias socialmente vulneráveis. Portanto, a episteme segundo a qual a mulher é vítima do homem, no caso do abandono paterno, encontra-se parcialmente desalinhada às novas condições estabelecidas entre o saber e o poder, já que a mulher, como responsável pela eleição de seus parceiros, precisa, diante de tamanho poder, desempenhar o poder da melhor escolha.

No direcionamento acima, segue-se a premissa de Foucault (2012) segundo a qual “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazer é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato de fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer que é preciso descrever” (Foucault, 2012, p. 60; grifos do autor). A partir de tal horizonte interpretativo, verifica-se em “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023) a envergadura do problema da ausência paterna e sua assimetria regional, já que o Norte, porção geopolítica e cultural do Brasil mais pobre, possui maior incidência desse absentismo. A gravidade dessa ocorrência, além da crítica conexão com a pobreza, indicializa a relação entre a maior proporcionalidade entre saber, formal e instrucional, e poder, econômico e decisório, pois, sem essa equalização, a resistência encontra-se comprometida, sendo que, no interior dessa perspectiva, “a resistência se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder, assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações” (Revel, 2005, p. 234).

Em vista das colocações acima, cumpre lembrar um dos traços característicos do enunciado apontado por Foucault: “O enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto” (Foucault, 2012, p. 133). Desse mirante, “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023) traceja tanto o nível do dito quanto o nível do não-dito que lhe são constitutivos. Por essa razão, própria do funcionamento do enunciado, as relações de poder, componentes de seu saber, integrante epistêmico, não são perceptíveis, em sua malha social, por meio de uma leitura horizontal, em função dessa configuração discursiva, parte significativa da problemática abordada no enunciado sob investigação resvala em elementos superpostos, encontrados em enunciados espalhados em outras formações discursivas. Nesse horizonte interpretativo, o abandono paterno, como descrito no enunciado publicado no *Jornal do Tocantins*, oblitera o aspecto jurídico envolvido nas múltiplas dinâmicas de relacionamento atuais.

Para uma melhor observação desse aspecto da relação de poder, no interior de uma parcela dos casos de abandono paterno, tem-se o relatório do Conselho Nacional de Justiça (2022) que afirma existir “A dificuldade na resolução de conflitos entre os genitores, o que acaba trazendo a demanda para o Judiciário, provoca o aumento significativo dos pedidos de guarda, segundo a percepção de diversos dos entrevistados” (Conselho Nacional De Justiça, 2022, p. 136). Tal saber, encontra-se em enunciados pouco circulantes no âmbito midiático, de modo que a prevalência da relação de poderes paterno e materno fique sempre visível no patamar segundo o qual há uma inadequação do primeiro em relação ao segundo, sem a devida verificação de mudanças sociais impactantes nos arranjos familiares mais recentes, como aponta Scott (2012). Na divergência entre as relações de saber-poder, produzidas por enunciados circundantes de diferentes formações discursivas, tem-se o dispositivo jurídico brasileiro reportando, acerca da paternidade, o seguinte:

Em relação ao reconhecimento e à adoção das iniciativas de empoderamento e incentivo ao reconhecimento da paternidade, especialmente das crianças na primeira infância, houve muita menção ao Programa Pai Presente (Provimento n. 26, de 12 de dezembro de 2012), como sendo uma iniciativa que impactou positivamente na colocação do pai no registro (Conselho Nacional De Justiça, 2022, p. 152).

De acordo com a citação acima, existem mecanismos, no interior do aparato jurídico, para que haja estímulo ao reconhecimento da paternidade e, a partir desse procedimento legal, outros podem incidir na composição das relações de poder existentes entre pai, mãe e filho. Todavia, em contradição com o que é dito no enunciado sob exame, “Nada explica a ausência ou distanciamento, a pouca ou nenhuma afetividade para com uma vida que veio ao mundo através de você” (Martins, 2023), tem-se um complexo processo de dominação nas relações de poder, intitulado alienação parental, que funciona como impedimento e distanciamento do exercício pleno de um dos pais. O dispositivo jurídico brasileiro reza sobre a alienação parental precisamente a seguinte descrição: “Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, (...) que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este” (Brasil, 2012).

Na economia das formações discursivas, encontra-se, como se vê, parte dos limites do enunciado, em seus formatos mais variados, como o artigo de opinião em escrutínio, que reflete parcialmente as relações de poder, pois essas fronteiras mobilizam e modalizam o saber e sua dispersão conforme as demandas das próprias relações de poder-saber existentes

tanto no dispositivo, no qual se ancoram, quanto na ruptura da episteme, à qual visam. Nesse direcionamento, a alienação parental integra uma das possíveis razões obliteradas no enunciado “Nada explica a ausência ou distanciamento, a pouca ou nenhuma afetividade para com uma vida que veio ao mundo através de você” (Martins, 2023), porquanto a sua enunciabilidade está contraposta pela argumentatividade tecida em toda a materialidade do texto, ao ponto de ser apagada (Orlandi, 2007) como uma contingência da frequente desavença entre pais e mães separados. Com base nessa adjacência, da constituição do enunciado, deixada de lado, têm-se mais indícios da episteme à qual se integra, pois o saber, em seu sentido norteador, coordena os enunciados, as formações discursivas e constrói as bases teleológicas dos dispositivos.

No horizonte traçado pelo emprego analítico do instrumental eleito para esta investigação, verifica-se que há uma determinada episteme responsável por um agrupamento de saberes que se desdobram em relações de poder no circuito coletivo contemporâneo brasileiro. Aqui, toma-se a versão de episteme desenvolvida por Foucault (2012), a lembrar: “Por episteme entende-se, na verdade, o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados” (Foucault, 2012, p. 231). É a partir dessa visada que se busca a compreensão da episteme constituinte do enunciado alvo deste estudo, ou seja, como uma coligação de relações de saber, com sua contrapartida em relações de poder, emolduradas em dispositivos, formações discursivas e enunciados. Desse modo, chega-se ao ponto no qual o saber integrante da episteme vigente, tanto para o dispositivo, *Jornal do Tocantins*, quanto para o enunciado em questão, nucleariza-se na perspectiva de que os pais abandonam seus filhos por vontade própria.

Ora, o tecido argumentativo visível, o substrato não visível do enunciado (Foucault, 2012) são orientados pela episteme, cuja reprodução das relações de poder, no interior da atual sociedade, localiza uma série de problemas coletivos na figura masculina, segundo a qual o pai real não corresponde ao pai ideal. Tal episteme atravessa as mais diversas práticas discursivas, formatando uma relação de poder tão mais assimétrica do que a percebida no enunciado “Nada explica a ausência ou distanciamento, a pouca ou nenhuma afetividade para com uma vida que veio ao mundo através de você” (Martins, 2023), com sua reprodução em variados dispositivos capazes de possibilitar a ancoragem de inúmeras formações discursivas. Em vista dessa configuração espreada no tecido social, tem-se o fortalecimento da episteme

[Ideação. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. v. 27, n°1, 2025. e-ISSN: 1982-3010.](#)

atomizada na descrição segundo a qual o pai, como é homem, abandona seu filho sem razão, porque ele pode e não sofre por isso, legal e emocionalmente. Não, sendo possível avançar, neste exame, a leitura vertical da episteme, recorda-se o que diz Foucault (2012) a esse respeito: “A descrição da episteme apresenta, portanto, diversos caracteres essenciais: abre um campo inesgotável e não pode nunca ser fechada” (Foucault, 2012, p. 231).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, com o objetivo de analisar a discursividade acerca da contemporânea problemática da ausência paterna que se expressa em dizeres, como os produzidos em “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), objeto representacional de tal dinâmica social, em função de sua propositura, empregou, em seu aparato teórico metodológico, as noções de dispositivo, enunciado, formação discursiva e episteme, sem esgotá-las no processo interpretativo empreendido, para a consecução de seu escopo. Com tal realização alcançada, ao término deste estudo, faz-se uma breve apuração de seus pontos nodais. Diante desse delineamento, é necessário pontuar o fato de que, por mais que as assimetrias nas relações de poder e saber verificadas no enunciado sob análise ecoam conflitos apagados em seu interior, em hipótese alguma, tentou-se diminuir ou minimizar aquilo expresso no texto como um efeito menor ou mesmo inverídico, ao contrário, buscou-se compreender o fenômeno da ausência paterna sob a ótica verticalizada e não apenas horizontalizada, como uma simples leitura do manuscrito opinativo.

A partir desse aprofundamento, favorecido pelo aparato selecionado para sua progressão investigativa, desenvolveu-se um processo arqueogenealógico voltado para apreender parte do fenômeno da ausência paterna descrita pelo enunciado publicado no *Jornal do Tocantins*. O envolvimento das tramas da linguagem, atravessadas no tecido social, cuja economia cultural, política, jurídica, além da midiática, constitui a percepção do acontecimento social em foco, demanda, como é possível verificar ao longo deste artigo, determinado grau de profundidade na abordagem crítica segundo o paradigma das relações de poder e saber, já que esse e aquele, por coexistir lado a lado, possuem camadas superpostas de enunciados e formações discursivas que reverberam relações de poder e sua contrapartida, relações de saber. Nesse direcionamento, a análise discursiva aqui realizada,

não apenas deixou tais considerações figurarem no horizonte norteador, bem como incorporou a apreciação da episteme, ou melhor, de uma parcela significativa da episteme vigente à formação discursiva à qual se insere o enunciado “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023).

Em meio ao traçado interpretativo apontado por este exame, encontrou-se a nuclearização da episteme segundo a qual o artigo de opinião, entre outros tantos enunciados da mesma formação discursiva, enquadra-se, cuja síntese pode ser a seguinte: o homem é o único responsável pela ausência paterna. Nota-se que a transcrição sumular da episteme parece fazer não apenas sentido, como também engendra toda a realidade semântica dessa linearidade linguística, porém, bem como escrutinado pelo encadeamento reflexivo realizado mais acima, a transparência da linguagem, no interior de micro relações de poder, trata-se mais de um falseamento dos diversos enlaces entre saberes e poderes do que aquilo que está mais próximo do acontecimento em sua magnitude social. Assim, os dispositivos jurídicos e legislativos apresentam uma face relativamente contrária, ainda que trazendo elementos corroborativos ao próprio enunciado analisado, à abordagem da ausência paterna. Portanto, a ancoragem de formações discursivas regidas por uma determinada episteme é capaz de mobilizar sentidos limitados pelas próprias formas de saber-poder, como verificou-se neste artigo.

Por fim, considera-se fundamentalmente relevante para uma melhor e mais atualizada compreensão do fenômeno da ausência paterna que, além da conscientização dos importantes papéis que o pai pode e deve desempenhar na formação de um filho, as constantes mudanças no funcionamento do circuito coletivo continuam afetando as mais diversas dinâmicas de relacionamentos que, por sua vez, foram passando por uma maior equivalência de suas forças constituintes, de maneira que mãe e pai gozam atualmente estatutos relativamente mais igualitários na participação da educação dos filhos. Em função da maior parcela de guardas de crianças ficar com as mães, tal expediente carece, com seus acúmulos de atividades e sobrecargas, do auxílio daqueles diretamente envolvidos na criação dos filhos, como pais. Como boa parte da realidade dos casos dessa natureza apresenta a displicência paterna, não se deve generalizá-la, mas, antes, deve-se lembrar que, como dito em “Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai?” (Martins, 2023), “Para fecundar um óvulo são necessárias, segundo a Biologia, duas pessoas”, ou seja, necessita-se responsabilizar

ambos implicados na geração de uma vida, sobretudo em um cenário preditivo como o vivido no Brasil contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. *Projeto em análise na Câmara revoga Lei da Alienação Parental*. Câmara dos Deputados, 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/935610-projeto-em-analise-na-camara-revoga-lei-da-alienacao-parental/> Acesso em: 26 dez. 2023.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Rev. Psicopedagogia*, 2011, 28(85), p. 67-75. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n85/07.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. *La femme indépendante*. Extraits du Deuxième Sexe. Barcelona, ES: Éditions Gallimard, 2008.

BRASIL. *Lei nº 12.318, de 26 de agosto de 2010*. Dispõe sobre a alienação parental e altera o art. 236 da Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26, ago. 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm. Acesso em: 12 dez. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Proteção da criança na dissolução da sociedade conjugal*. Brasília: CNJ, 2022.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2005.

DELEUZE, Gilles. Que és un dispositivo? In: BALIBAR, Etienne; DREYFUS, Hubert; DELEUZE, Gilles et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 155-163.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

DREYFUS, Hubert.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. de Vera Porto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243-27.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Salma Tannus Muchail. 9 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 10 ed. Lisboa: Nova Vega, 2018.

ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *A origem da linguagem*. Trad. Rafael de Souza. Campinas, SP: Kírion, 2021.

JORNAL DO TOCANTINS. *Wikipédia*. 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jornal_do_Tocantins. Acesso em: 12 dez. 2023.

KREMER-MARIETTI, Angèle. *Introdução ao pensamento de Michel Foucault*. César Augusto Chaves Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

LUCCA, Bruno. Cresce número de crianças registradas por mães solo. *Folha de S. Paulo*. 24 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/09/cresce-numero-de-criancas-registradas-por-maes-solo.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MARTINS, Nubia. Chegou o dia da formatura, por que o pai não vai? *Jornal do Tocantins*. 19 dez. 2023. Disponível em: <https://www.jornaldotocantins.com.br/editorias/opiniaio/tend%C3%A2ncias-e-ideias-1.1694943/chegou-o-dia-da-formatura-por-que-o-pai-n%C3%A3o-vai-1.2738501>. Acesso em: 12 dez. 2023.

ORLANDI, Eni. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, Marcela Barbosa.; STAMATO, Maria Izabel Calil. Importância da figura paterna no desenvolvimento infantil: uma visão dos pais. *Leopoldianum*, ano 42, 2016, nº 116, 117 e 118. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/693/566>. Acesso em: 12 dez. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa; BOUCHER, Damião Francisco. *Discursos do Norte: projeções identitárias, apagamentos e interpelações em redes*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. Os limites da interpretação: uma reflexão sobre os usos da noção de discurso. *Revista Ratio Integralis*, Campanha, v. 3, n. 2, p. 175 - 184, jul./dez. 2023. Disponível em:

https://www.seminariosenhoradasdores.com.br/_files/ugd/5865b1_3fac2f34fd0c4d04a6e5e372c73ce34a.pdf. Acesso em: 16 dez. 2023.

TRAPP, Edgar Henrique Hein.; ANDRADE, Railma de Souza. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. *Revista Ciência Contemporânea*. jun./dez. 2017, v.2, n.1, p. 45-53. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180301124653.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Trad. Marcelo Joaquim de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido em 28 dezembro de 2023.

Aprovado em 16 de janeiro de 2025.

